

## **HIPERTENSÃO ARTERIAL EM POPULAÇÃO DE CIDADE LITORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL**

Coordenador: MARCIA CANÇADO FIGUEIREDO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os hipertensos no Brasil, atualmente, chegam a 35% da população acima de 40 anos e 60 % da população acima de 60 anos, representando, em números absolutos, um total de 17 milhões de portadores da doença, sendo que destes a maioria é encontrada no Rio Grande do Sul. No município de Porto Alegre o percentual estimado de hipertensos está em torno de 29,8%. Dentre as complicações decorrentes da DM e HAS não controladas, podemos citar retinopatia, nefropatia, neuropatia, acidente vascular encefálico, infarto agudo do miocárdio, insuficiência renal crônica, insuficiência cardíaca, amputações de pés e pernas decorrentes da doença vascular periférica, abortos e mortes perinatais. Visando a colaborar para a implementação da promoção de saúde nos municípios, foi criado um sistema de cadastramento e acompanhamento de hipertensos diabéticos captados no Plano Nacional de Reorganização da Atenção à hipertensão arterial e ao Diabetes Mellitus, em todas as unidades ambulatoriais do Sistema Único de Saúde. Esse sistema, chamado Hiperdia, gera informações para os gerentes locais, gestores das secretarias municipais, estaduais e Ministério da Saúde. Além do cadastro, o Sistema permite o acompanhamento, a garantia do recebimento dos medicamentos prescritos, contribuindo para definição do perfil epidemiológico desta população, e o conseqüente desencadeamento de estratégias de saúde pública para melhoria da qualidade de vida dessas pessoas e a redução do custo social. No município de Xangri-Lá, RS, o sistema Hiperdia funciona por meio de fichas em papel, nas quais são registradas as prescrições dos pacientes e os medicamentos dispensados aos mesmos, bem como algumas observações resumidas a respeito do tratamento. As referidas fichas são numeradas e organizadas pelo número da Ficha Família (FF), e contém poucos dados do paciente, como data de nascimento e doença crônica que possui. No município de Xangri-Lá, encontra-se um bairro com pessoas de nível socioeconômico baixo denominado Figueirinha e que possui uma população aproximada de 2200 pessoas que em sua maioria dependem da UBS Figueirinha incorporada à Estratégia de Saúde da Família. Foram coletadas informações, através de visitas domiciliares, de 483 habitantes do bairro, todos cadastrados na ESF Figueirinha. Destes habitantes, foram selecionados aqueles que estavam cadastrados com quadros de hipertensão, diabetes mellitus ou com ambas as patologias, totalizando uma amostra de 34 pessoas, sendo 9 diabéticos e hipertensos

(cadastrados no programa Hiperdia), 2 somente com diabetes, e 23 com apenas hipertensão. Quanto à prevalência de diagnóstico, cerca de 16% dos pacientes utilizavam algum tipo de medicamento. Destes, 43% consumiam anti-hipertensivos e 15% dos pacientes utilizavam medicação para diabetes. Pode-se observar que dentre os adultos hipertensos e com níveis pressóricos alterados no momento da medição, 70,68% não realiza atividade física regular. Ainda nesse perfil, constata-se que 21,05% dos hipertensos são tabagistas. O tabagismo aumenta o risco de hipertensão e de outras doenças vasculares, principalmente a doença arterial coronariana. No que se refere ao índice de massa corporal, 49,15% dos hipertensos adultos são considerados obesos e 28,81% estão com sobrepeso. Esses achados mostram o quanto o excesso de massa corporal é um fator predisponente para a hipertensão arterial, condizente com diversos estudos consagrados na literatura médica que provam a forte associação do ganho de peso com o aumento da pressão arterial. O trabalho aponta que 72,88% dos hipertensos adultos têm idade entre 51 e 80 anos, com maior prevalência entre a quinta e sétima décadas de vida, confirmando que a pressão arterial aumenta linearmente com a idade.